

A PIPOCA MÁGICA

Estou na missa dominical, na Igreja Matriz Nossa Senhora do Patrocínio, agora Basílica (um orgulho para a cidade de Araras). São quase oito horas da noite, o padre se prepara para a bênção final e o cheirinho dela começa adentrar pelo recinto. Ouço os murmurinhos dos fiéis, percebo a ansiedade tomando conta de todos que ali estão. É chegada a hora, todos apreensivos, mais alguns minutinhos e teremos momentos inexplicáveis de prazer.

Todos os domingos, após a missa, os ararenses vão à praça da Matriz para saborearem a mais gostosa pipoca do planeta; digo isso, porque todos que dela provam, munícipes ou turistas, dizem não terem experimentado algo tão fantástico.

Estou falando da famosa pipoca do Seu Zé que atrai todos os finais de semana uma multidão de pessoas que querem apreciar aquele inigualável sabor. Ao lado do carrinho, se forma uma fila quilométrica: inquietação para quem espera, desespero para os concorrentes. É a fila mais democrática que participei. Nela não há distinção entre ricos e pobres, brancos e negros, crianças e velhos. Todos aguardam para atingirem um único objetivo: saborear aquele alimento.

Qual seria o segredo? O tipo de milho? A marca do queijo? O tempo de aquecimento do grão? Ou seria apenas tradição? Que mistério seria esse que atrai fregueses há mais de 60 anos e que nenhum outro carrinho conseguiu igualar ao seu produto?

Acredito ser uma pipoca mágica porque consegue dar a cada um o gosto que deseja o seu paladar: adocicar o amargo das injustiças, dessalgar o suor do trabalho árduo, tirar o gosto insosso das desilusões e trazer, mesmo que por alguns instantes, o gostinho da infância, da alegria necessário para recarregar as baterias para recomeçar a semana.

A pipoca é mágica porque marca o encontro entre as pessoas que dedicam um pouco do seu tempo a perceber o outro, trocar palavras, compartilhar sorrisos, sentir a paz e a amizade que o momento proporciona. Porque com um saquinho de pipoca na mão, nós nos tornamos todos iguais. Não há discriminação, distinção, barreiras. Somos simplesmente pessoas usufruindo do mesmo prazer.